MUDANÇAS DE PERSPECTIVA AFETAM A ÁREA ENERGÉTICA EM 2020

EVANDRO GUSSI
Diretor presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA)
Da Redação

O diretor presidente da UNICA debate sobre as perspectivas para o setor sucroalcooleiro frente aos impactos provocados pela pandemia de coronavírus. As medidas de isolamento social adotadas pelos governos como forma de conter a COVID-19 provocaram uma redução imediata na demanda por produtos do setor.

EVANDRO GUSSI é formado em Direito pelo Toledo Prudente Centro Universitário, mestre e doutor em Direito, respectivamente, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pela Universidade de São Paulo (USP). O entrevistado exerceu o seu primeiro mandato como deputado federal no período de 2014 a 2018. Na presidência da UNICA desde fevereiro de 2019, ele traça os desafios e os projetos da entidade em meio à turbulência causada pela pandemia de coronavírus.

AGROANALYSIS: O CENÁRIO DO NOVO CORONAVÍRUS MUDOU AS PERSPECTIVAS PARA O SETOR SUCROENERGÉTICO EM 2020?

EVANDRO GUSSI: De forma geral, as perspectivas para 2020 mudaram para todos os setores da sociedade, mas o sucroenergético, com certeza, foi um dos mais severamente afetados. Iniciamos o ano confiantes, após registrar um recorde de consumo de etanol em 2019, chegando a substituir 48% da gasolina no País. Tínhamos a projeção de ampliação regida pelo primeiro ano de execução da Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio). Mais de uma centena de produtores de biocombustíveis certificaram-se para participar desse programa.

Também estimávamos o primeiro déficit de produção mundial de açúcar em muitos ciclos de produção. Isso deveria reverter o cenário de baixos preços vivenciados nesse período. Encerramos a safra 2019/20, entre abril de 2019 e março último, com volume recorde de produção de etanol, de 33,3 bilhões de litros, além de 26,8 milhões de toneladas de açúcar. Puxamos as vendas de maquinário agrícola em março, com crescimento de 162% em relação ao mesmo mês do exercício passado. Foram 176 colhedeiras de cana-de-açúcar comercializadas, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA). Estávamos otimistas e trabalhando para ampliar a oferta dos produtos, até se dar a rápida e inesperada mudança na conjuntura.


CLEIA VIANA / CÂMARA DOS DEPUTADOS

O SURTO DA PANDEMIA TEVE FORTE IMPACTO SOBRE A CADEIA?

EG: O panorama encetou a virada a partir da queda no preço do petróleo no mercado internacional, ainda em fevereiro, por conta dos embates entre a Rússia e a Arábia Saudita. Houve um descolamento da *commodity* em relação aos fundamentos de mercado. Em meados de março, formou-se a tempestade perfeita, com a queda em mais de 50% na cotação mundial do petróleo. Uma redução correspondente ocorreu no preço da gasolina e de quase 40% no preço do etanol, para patamares abaixo do custo de produção. Houve uma retração drástica no consumo de combustíveis leves por conta do isolamento e da quarentena da população. A receita com exportação de açúcar teve uma queda superior a 20%, mesmo após a desvalorização cambial do real.

Em resumo, os produtores da região Centro-Sul, onde estão localizados mais de 90% da cana do País, iniciaram a safra 2020/21, em 1º de abril, com, simultaneamente, um mercado sem preço e sem demanda. Vale lembrar que 70% da receita gerada é usada durante a própria safra para manter em atividade as operações de produção. Se esse quadro persistir, será o colapso de toda a cadeia, com desemprego e desabastecimento. Diante disso, as lideranças iniciaram conversas com o Governo para a adoção de medidas emergenciais e temporárias.

QUAIS SÃO AS SOLICITAÇÕES FORMULADAS PELA UNICA?

EG: Entre as medidas emergenciais que, se adotadas em conjunto, permitirão a sobrevivência do setor, listamos três: (i) a instituição de um programa de warrantagem; (ii) a isenção temporária da carga tributária federal aplicada ao etanol hidratado – PIS/COFINS; e (iii) a restituição da competitividade do etanol, também temporariamente, via incremento da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (CIDE).

A linha de risco está nos efeitos impensáveis para uma cadeia imensa, com envolvimento de produtores de cana, fabricantes de máquinas e insumos, cooperativas e colaboradores, esparramados em mais de 1.200 municípios brasileiros. Esse complexo engloba 370 usinas e destilarias e 70 mil fornecedores de matéria-prima, num total de 2,3 milhões de empregos diretos e indiretos ameaçados.

NESSE AMBIENTE DE TURBULÊNCIA, HÁ ESPAÇO PARA SOLIDARIEDADE E CONTENÇÃO DA PANDEMIA?

EG: O momento é crítico e dramático, pois exige mobilização das mais variadas áreas de cada comunidade. As nossas associadas doaram 1 milhão de litros de álcool 70% líquido para as Secretarias Estaduais de Saúde de oito estados: Ceará, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Paraná e Santa Catarina.

O objetivo dessa ação está ligado ao esforço para contribuir de forma gratuita com o abastecimento das unidades públicas de saúde. O álcool 70% para desinfecção teve fabricação voluntária após a concessão de uma autorização extraordinária e temporária pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Somam-se a essa ação as inúmeras iniciativas generosas das empresas associadas na doação de insumos e alimentos para municípios e instituições próximos às unidades produtivas.

DIANTE DAS MEDIDAS EMERGENCIAIS DO GOVERNO FEDERAL, COMO DEVE SER A SAFRA 2020/21 NA REGIÃO CENTRO-SUL?

EG: Como ainda está incerto e um tanto cedo, consideramos precipitado traçar números para a safra. Haverá, certamente, uma tentativa natural das empresas de produzir mais açúcar, mas haverá uma tendência para se acumular um maior estoque de etanol. No último ciclo, as 78 unidades produtivas na região Centro-Sul geraram somente em etanol de cana-de-açúcar – sendo que três dessas unidades são dedicadas a etanol de milho – uma produção de 10,7 bilhões de litros. Ou seja, um terço da produção total de etanol possui como origem unidades produtoras somente desse produto. Precisaremos acompanhar de perto se as medidas emergenciais tomadas serão suficientes para atender a demanda das empresas, inclusive aquelas em uma situação financeira delicada. Afinal, a questão desafiadora consistirá na manutenção do emprego, no abastecimento e na sobrevivência das companhias.

NESSE CONTEXTO, QUAL É A EXPECTATIVA PARA O RENOVABIO?

EG: A prioridade, por ora, recai em iniciar o RenovaBio e a comercialização dos créditos de descarbonização (CBios) neste ano. Montamos a infraestrutura de comercialização de títulos, com mais de uma centena de empresas credenciadas e pré-CBios já emitidos. Isso marcará um novo capítulo na trajetória do setor. Ao longo das últimas décadas, revolucionamos a forma de

“O MOMENTO É CRÍTICO E DRAMÁTICO, POIS EXIGE MOBILIZAÇÃO DAS MAIS VARIADAS ÁREAS DE CADA COMUNIDADE.”

"PRECISAREMOS ACOMPANHAR DE PERTO SE AS MEDIDAS EMERGENCIAIS TOMADAS SERÃO SUFICIENTES PARA ATENDER A DEMANDA DAS EMPRESAS..."

produzir. Adotamos práticas para tornar os nossos produtos referências mundiais de sustentabilidade. De fato, eliminamos a queima, mecanizamos a colheita e requalificamos a mão de obra. Introduzimos o controle biológico e a fertirrigação e reduzimos o uso de insumos agrícolas. Esses investimentos em tecnologias garantiram ganhos de produtividade, eficiência operacional e proteção ambiental e de recursos naturais. Hoje, o RenovaBio e os CBios passam a reconhecer esses avanços e fomentar uma competição positiva rumo a uma redução ainda maior da pegada de carbono.

O ETANOL CARREGA BENEFÍCIOS AMBIENTAIS?

EG: Sim. Entregamos à sociedade brasileira o combustível com a menor pegada de carbono do mundo, capaz de reduzir em até 90% as emissões de CO_2 em comparação à gasolina. Também oferecemos à sociedade a bioeletricidade, renovável e sustentável, que já ocupa a quarta posição entre as fontes de energia elétrica. Como política estratégica para o País, não podemos criar insegurança e desconfiança com o adiamento do RenovaBio. Como entendemos ser essa a visão do Governo, acreditamos chegar ao final do ano com o programa rodando.

Para garantir práticas adequadas de comércio, temos como agenda a promoção do etanol no mundo. Realizamos uma série de missões, principalmente na Ásia, onde a maioria dos países carregam importantes desafios de reduzir as emissões de poluição nas grandes cidades, principalmente na China e na Índia. Contamos com uma alternativa interessante de usar o etanol para combater o aumento de combustíveis fósseis. Em um primeiro momento, a ideia não é vender etanol, mas sim expandir o seu comércio e o seu consumo por meio de políticas públicas.

DO PONTO DE VISTA INTERNACIONAL, COMO AMPLIAR OS MERCADOS E A COMPETITIVIDADE DOS PRODUTOS?

EG: Retomamos de uma maneira mais intensa o nosso papel internacional, em duplo sentido. Do ponto de vista defensivo, para evitar barreiras enfrentadas pelo açúcar, um dos produtos mais protegidos do mundo. Então, participamos ativamente de ações junto ao Governo. Criamos a abertura de painéis na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra a Tailândia, a China e a Índia, com a conquista de um acordo com as duas primeiras e seguindo no mesmo rumo com a terceira.

No primeiro trimestre do ano, tivemos uma agenda intensa na Índia, com a missão presidencial brasileira no final de janeiro e a montagem de um *stand* no salão do automóvel de Nova Déli. Além disso, levamos especialistas brasileiros para uma série de seminários sobre etanol na Índia, no Paquistão e na Tailândia, realizada em parceria com as associações de produtores locais. Por conta da COVID-19, manteremos as ações de forma remota, focadas em comunicação e imprensa. ■

A ***Agroanalysis*** agradece a participação e a contribuição de Eduardo Luis Leão de Sousa e Annamaria Bonanomi, respectivamente, diretor executivo e coordenadora de Comunicação Corporativa da UNICA.

"EM UM PRIMEIRO MOMENTO, A IDEIA NÃO É VENDER ETANOL, MAS SIM EXPANDIR O SEU COMÉRCIO E O SEU CONSUMO POR MEIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS."



TONY OLIVEIRA / EPBR